

Um Médico à Rasca

Comédia num acto

=

8 PERSONAGENS



edição da Livraria «LIZ»

3)
21.134.3-2 Mesquita, C
ES

1 9 6 0

Um Médico à Rasca

Um Médico à Rasca

Tip. «GIL VICENTE» - Barcelos

Um Médico à Rasca

Comédia num acto

=

8 PERSONAGENS

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL



60052

*Revue
Barceliana*

Legado

Álvaro Arezes L. Martins

Edição da Livraria «LIZ»

1 9 6 0

Um Médico à Rusca

Comédia num acto

de PENSONAGENS

DE BARCELONA

1900

80025

Antiga

«Luz»

1900

de

Um Médico à Rasca

———— Comédia num acto ————

8 PERSONAGENS

A cena representa um consultório médico, com seus apetrechos, mesa, cadeiras, etc.

Médico	— 40	anos	
Patrocínio	— 20	»	— criado preto
José	— 50	»	— lavrador
Rebucata	— 40	»	— mulher cavaneira
Mudo	— 30	»	— doente dos intestinos
Rufino	— 30	»	— doente dos dentes
Braz	— 30	»	— moleiro
Polícia	— 40	»	

Quando abrir o pano, está só o Dr. no palco, a acabar de arrumar os estofos.

CENA I

DOUTOR — Ora até que enfim, que consegui, depois da minha recente formatura, arranjar um consultório médico.

Se tiver sorte — o que espero — poderei arranjar em breve boa fortuna, sim, porque a sorte é o indispensável na vida...

Esta rua é central, e os doentes não precisam de subir escadas. Fui meticoloso na escolha... que Deus me ajude...

(*Olhando os utensílios*) os meus utensílios são modernos e chegados agora da América do Norte e... não é para me gabar, mas também sou inteligente, capaz dum desempenho clínico à altura de qualquer circunstância.

Lá por Coimbra, onde a minha formatura demorou tantos anos, chamavam-me o cabeça de nabo, só por eu gatar... ora bolas, não dão as peles de raposa tanto dinheiro? A questão é que os velhos lá em casa tenham bagalhoça suficiente para mandarem ao cábula do filho. E quantas vezes eu tive que recorrer ao prego, empenhando a capa e a batina, o relógio e as botas, as mantas e tudo que podia... que vida por Coimbra a dum estudante não-te-rales... Bem... agora para principiar esta minha distinta profissão, vou mandar buscar uma garrafa de champanhe. (*chama*) Patrocínio... ó Patrocínio. Estes criados pretos são muito brutinhos (*aparte*) se calhar está a dormir! Diabos levem a doença do sono e mais quem me impingiu este brasebú. (*chama*) Patrocínio... ó rapaz?

CENA II

PATROCÍNIO — (*de fora*). Siô.

DOUTOR — Anda cá alma negra.

PATROCÍNIO — (*de fora*) Eu já ir siô. (*aparece*)
Chamar patrão?

DOUTOR — Ainda perguntas. Sabes onde fica a loja do senhor Zeca Brito?

PATROCÍNIO — (*admirado*). O siô dizer cabrito?

DOUTOR — (zangado) Zeca... Brito, palerma. Nunca foste ao armazém que este senhor possui ao fundo da rua?

PATROCÍNIO — Não siô... mas preto procurar esse cabra.

DOUTOR — Que cabra, que cabra, não compreendeis nada.

O homem de que te falo, não é do reino animal. É um cavalheiro como eu.

PATROCÍNIO — Ah... perceber agora meu siô. Eu ir rua abaixo, olhar bem para as chitacas lojas e quando vir cabrito branco já saber que é aí.

DOUTOR — (exaltado) Que dizes, alma do diabo!?

PATROCÍNIO — (assustado) Eu não dizer cabra... dizer cabrito branco e ser gente como o siô.

DOUTOR — Confundes tudo desgraçado, o tal senhor de que falo, é um comerciante chamado José Brito.

PATROCÍNIO — Ah! Perceber é aquele bicharoco muito gordo que me vender o bananas.

DOUTOR — É, é. É esse mesmo.

PATROCÍNIO — (aponta o olho direito) E ele já não tem este olho.

DOUTOR — É isso, não tem o olho direito. Cegou.

PATROCÍNIO — Coitado! Eu ir lá num pinote.

DOUTOR — Bem: toma nota do que te vou dizer. Vais então lá buscar uma garrafa de champanhe e que ponham na minha conta: Dize-lhe que é para o Doutor Garrafeira.

PATROCÍNIO — Oh patrãozinho... branco não querer fiar mais garrafas ao Dr. Garrafeira. Dizer que Dr. Garrafeira engarrafa as garrafas.

DOUTOR — Vai alma dum cão que te arrebento.

PATROCÍNIO — (assustado) Ai ai ai... patrão não bater (sai).

DOUTOR — (só) A sede custa a sofrer...
Eu bem sei que devo já bastantes garrafas a esse comerciante... mas... que lhe hei-de fazer.

As economias andam baixas e a secura não me larga... Talvez que apareçam clientes, e depois pagarei tudo... (batem à porta).

Quem é que chama?

LAVRADOR — (fora) Com um raio... sou eu ó...
Quem é que há-de ser.

DOUTOR — (dentro e aparte) Boa resposta não haja dúvida. (vai abrir)

LAVRADOR — (à porta) Arre diabo... caramba!
P'ra que tem bomecê a porta fechada?

CENA III

DOUTOR — (aparte) Já estou a ver a força deste lavrante. (ao lavrador) Oh senhor, é da praxe.

LAVRADOR — É de quem? Antão a porta não é sua!

DOUTOR — (aparte) Valha-me Deus. (ao lavrador) Eu quando disse da praxe, quis dizer que é mais decente as portas dos consultórios médicos, estarem cerradas.

LAVRADOR — (*aproximando-se da porta*) Mas esta porta não está serrada como bomecê diz!?

DOUTOR — O senhor não compreendeu a minha explicação. Eu quando disse cerrada, quis dizer encostada, fechada...

LAVRADOR — (*enfasiado*) Isso pouco me interessa. (*aparte*) Bocêses é que sabem tudo.

DOUTOR — Então que deseja?

LAVRADOR — Eu cá não desejo nada. O senhor é médico num é?

DOUTOR — Sou sim senhor, para o servir.

LAVRADOR — (*aparte*) Omela! P'ra servir... (*ao médico*) Antão os médicos tamem servem?! Eu tenho lá em casa o Xico Zarôlho a servir e não quero mais criados... (*aparte*) Havia de ser bonito este tirone de casaca branca amarrado às rabiças do arado!

(*ao médico*) Vá chamar pai a outro.

DOUTOR — (*aparte*) Valha-me Deus. Eu quando disse para o servir (*pausadamente*) era para o servir em alguma doença que porventura tenha...

LAVRADOR — Ah... isso está bem. Pois para isso fui que aqui vim.

DOUTOR — (*atencioso*) O senhor então de que se queixa?

LAVRADOR — (*apalermado*) Quem se queixa é que larga a ameixa.

DOUTOR — (*com paciência*) Vamos diga.

LAVRADOR — Descurpe, mas cá a gente diz assim.

DOUTOR — (*com paciência*) Faz favor de dizer.

LAVRADOR — Olhe, lá a minha mulher diz que eu ando com a actriz.

DOUTOR — (*surpreso*) Com quem. Com quem? Qual actriz?!

LAVRADOR — (*apalermado*) Eu sei lá que raio é isso...

DOUTOR — Então foi calúnia, antes assim. O senhor com essa idade não se mete nessas coisas... não acredito. (*aparte*) E logo uma actriz! Também lhe devo dizer, que não é um médico que remedeia essas coisas.

LAVRADOR — (*admirado*) O quê!? Não é? Antão bocêses para que é que servem?

DOUTOR — Ó senhor, essas doenças que apresenta, são doenças do coração, de amor...

LAVRADOR — (*exaltado*) Qual coração, qual amor, qual carapuça. Da actriz, é que diz lá a minha Chiquina. Bomecê não vê as minhas fáceas da cor das gemas dos ovos chocos?...

DOUTOR — (*aparte*) Valha-me Deus. (*ao lavrador*) A ver se nos compreenderemos. O senhor afinal, que sente?

LAVRADOR — Franqueza, franquezinha, não sinto nada. Quer dizer, às vezes sinto estes malditos tamanhos a apertar os calos.

DOUTOR — Ó homem... eu, neste consultório não trato as doenças que o senhor apresenta.

LAVRADOR — (*aborrecido*) Essa é boa... antão quem era um cara enfarruscada que saíu daqui agora?

DOUTOR — É o Patrocínio, meu criado preto.

LAVRADOR — Pois foi esse pedaço de carvão que me impingiu para aqui, dizendo que bomecê curava tudo... tudo.

DOUTOR — Tudo... não. Doenças de amor e socos que apertam calos, não é este médico que satisfaz.

LAVRADOR — Com trinta milhões de sapos e saramelas, ou bomecê me atende ou... (*aparte*) ficará sabendo quem é o Zé das Porcas (*mostra o varapau*) gosta desta marmelada?

DOUTOR — O que me havia de aparecer. (*aparte*) Para principiar não está mal. (*alto*) O senhor não tem outra doença?

LAVRADOR — (*admirado*) Omela! Ainda queria outra doença? Então a actriz ainda é pouco! (*aparte*) Rais me parta se eu percebo os médicos. (*ao Dr.*) Olhe sabe que mais, bomecê de actrizes não sabe nada... nada.

DOUTOR — Nem de actrizes nem de actores. Não gosto de teatro, nunca representei, nem quero.

LAVRADOR — (*admirado*) Essa é boa! Não sabe representar, então que está aqui a fazer? Só para levar as lecas à gente? Ora então ponha-se fora daquela porta e não demore, antes que a mostarda me suba ao nariz.

DOUTOR — (*aparte*) Só faltava mais esta! E que remédio terei com semelhante alarve, se não saio, apanho alguma saraivada de coices. (*ao lavrador*) O seu abuso é enorme! Vou chamar a polícia. (*sai*)

LAVRADOR — Se não saíesses eu dava-te a polícia... Estes homens das cidades só servem para nos chamarem parolos. (*batem à porta*) (*lavrador com voz arras-tada*) Quem é que abra...

CENA IV

PATROCÍNIO — (de fora, admirado) Cabra! Que cabra? Cabrito Siô. E do seu Zeca Brito.

LAVRADOR — (dentro) Um cabrito!... Eu bem me pareceu que isto aqui era uma botica de alimárias... porisso o «beternairo» não me percebeu!... (abre a porta) É lá seu alma negra, seu mafarrico. És tu que bates? (entrando ambos) Que queres? Aonde tens esse cabrito?!

PATROCÍNIO — (admirado) Qual cabrito?! Preto, não trazer cabrito.

LAVRADOR — Cabrito, cabra ou cabrão ou lá o que disseste.

PATROCÍNIO — (assustado) Patrocínio vir da casa de branco Zeca Brito e trazer garrafane de lixivane para patrane.

LAVRADOR — Catána! Tu há pouco disseste que aqui se curavam todos os males, e afinal teu patrão ou lá o que é, não sabe de nada...

PATROCÍNIO — Patrão onde estar?

LAVRADOR — Fugiu ó... senão (mostra o pau)

PATROCÍNIO — (desviando-se) Siô castigar preto!...

LAVRADOR — Se tu não me arranjares remédio p'rá minha actriz, é claro que te racho a meio...

PATROCÍNIO — Preto arranjar... onde ter a coisa?

LAVRADOR — O quê?!...

PATROCÍNIO — Onde ter a tal atrize.

LAVRADOR — Onde há-de ser. No olho.

PATROCÍNIO — (*procura*) Eu procurar...

LAVRADOR — (*apontando a vista*) aqui burro.

PATROCÍNIO — (*olhando muito apalermado*) Eu ver olho negro de patrão branco.

LAVRADOR — Negro não. Amarelo é que é. (*mostra a vista*) Isto que vês a modos que gemas de ovos, é a tal actriz. Percebes?

PATROCÍNIO — (*saltando contente*) Perceber, perceber bem.

LAVRADOR — Então, procura aí algum pó que me cure e que não doia. Anda estafermo de negro.

PATROCÍNIO — Eu procurar, eu procurar (*procura nos frascos ali arrumados e encontra um com pó preto*) Pronto, preto topar remédio (*ao lavrador*) patrão sentar no cadeiro.

LAVRADOR — (*senta-se*) Carrega bem desse ingrediente para eu não tornar cá.

PATROCÍNIO — Preto carregar muito (*coloca-se por trás da cadeira como fazem os barbeiros e pinta a cara ao lavrador. Quando julgar que baste, aproxima-se pela frente e diz esfregando as mãos*) Aí... ó... branco estar igual a mim...

LAVRADOR — (*levanta-se*) Raça... «que inté» já me sinto melhor. (*saindo*) Amanhã procura-me. Sou o Zé das Porcas e pago-te. Adeus o obrigadinho.

PATROCÍNIO — Sim sinhô, amanhã procurar Porcas. (*só*) Patrão não vir! Sou eu o médico e beber a lixivane (*olha a garrafa e bebe*) ah... lixivane ser bom. Ah...

CENA V

DOUTOR — (*entra*) Despachaste aquele lavrador?

PATROCÍNIO — O da actriz?

DOUTOR — Actriz chamava-lhe esse parvo, mas o nome científico é ictericia.

PATROCÍNIO — Eu curar olho com pó.

DOUTOR — (*surpreendido*) O quê! Que fizeste?

PATROCÍNIO — Ele querer matar preto...

DOUTOR — Ó miserável, que esse pó preto era para pintar os sôcos do corredor...

PATROCÍNIO — Eu pintar cara dele, e ele fugir pelo corredor com os socos...

DOUTOR — És muito estúpido... Sai daqui para fora.

PATROCÍNIO — Eu sair. (*sai apertando a barriga*)

DOUTOR — Afinal o preto foi mais esperto do que eu. Pintou-lhe a cara e despachou-o. Sempre aparece cada trambalásina... Agora vamos ao champanhe. (*olha a garrafa*) O quê! Isto é lixívia! Maldito preto. (*Repara de novo*) e já lhe falta um pouco! Meu Deus... que brutinho este meu criado. Bebe lixívia supondo outra bebida! (*chama*) Patrocínio ó Patrocínio.

PATROCÍNIO — (*dentro*) Siôôô... eu morrer.

DOUTOR — Anda cá depressa.

PATROCÍNIO — Eu rebentar patrãozinho.

DOUTOR — Anda cá, desgraçado...

PATROCÍNIO — (*entra*) Tripas querer fugir do barriga.

DOUTOR — Que fizeste rapaz?

PATROCÍNIO — Eu beber lixivane e lixivane matar Patrocínio.

DOUTOR — (*pegando numa garrafa e num copo*) Toma este vomitório.

PATROCÍNIO — (*choramingando*) Eu não querer mais lixivane, patrão não matar preto (*ajoelha*) Preto ser pobre desgraçado. Patrão perdoar a Patrocínio e Patrocínio ser amigo de patrão branco. Piedade por amor de Deus.

DOUTOR — (*levantando-o*) Toma que é um remédio para te melhorar.

PATROCÍNIO — (*bebe*) Deus lhe pague siô...

DOUTOR — Agora vai descansar um pouco, anda...

PATROCÍNIO — (*triste e saindo*) Adeus patrãozinho... eu ir morrer peço que dizer a mãe preta que Patrocínio finou e estar no Céu.

DOUTOR — Sim rapaz... vai.

PATROCÍNIO — (*Sai a choramingar*).

DOUTOR — (*Só, comovido*) Pobres inocentes... A curiosidade é o pecado deles! São pretos, mas têm a alma branca e pura. Tenho pena duns desgraçados assim... que Deus os proteja.

(*batem à porta*) Quem é?

CENA VI

REBUCATA — (*junto à porta*) Sou eu senhor Dr.

DOUTOR — (*que está revistando alguma coisa*)
Entre se faz favor.

REBUCATA — (*entrando*) Com sua licença.

DOUTOR — Faz favor...

REBUCATA — Muito agradecida. Eu vinha aqui consultar o senhor Doutor, por ter ouvido gabar muito as qualidades de V. Ex.^a. Por isso subi.

DOUTOR — (*aparte*) Que mentira! E depois?...

REBUCATA — «óspois» como ia dizendo, subi cá arriba... e «bái» «óspois antão» cá estou.

DOUTOR — (*enfasiado*) Sim, já vejo, e que deseja?

REBUCATA — (*com tristeza*) Olhe senhor doutor, eu sou p'rá aqui um caco, geme que geme, morre que morre, mas, graças ao Pai do Céu (*ergue as mãos*) ainda cá estou. Num é verdade senhor doutor?

DOUTOR — Parece-me que sim! (*olhando a mulher*) A não ser que seja uma alma do outro mundo, ou algum fantasma...

REBUCATA — (*assustada*) Ta renego... eu um fantasma! (*benze-se*) Cruzes canhoto senhor doutor. Eu sou uma «estátua» como V. Ex.^a...

DOUTOR — Como eu... vírgula, e mais, ponto final e acabou.

REBUCATA — Senhor Dr. «descurpe». Mas eu tenho um «nebrôso»... acabou. Faz favor de ver a minha moléstia.

DOUTOR — (*mais sereno*) Então que tem?

REBUCATA — Tenho três doenças, senhor doutor. Que «desinflicidade» a minha (*começa a chorar*).

DOUTOR — Tenha paciência. Como sabe que são três doenças?

REBUCATA — Então V. Ex.^a julga-me alguma trouxe? Eu sei bem o que tenho... o que não sei é do remédio para me curar. Foi por isso que vim aqui ter, na esperança que o senhor doutor vai acertar...

DOUTOR — Muito bem (*aponta a cadeira*) sente-se ali.

REBUCATA — (*admirada*) Para quê senhor Dr.?!?

DOUTOR — Para a auscultar senhora.

REBUCATA — (*com receio*) Não pode ser a pé?

DOUTOR — (*aparte*) Deus me ajude... (*a Rebutata*) A senhora não veio aqui para eu descobrir a sua doença?

REBUCATA — Mas não queria que me descobrisse.

DOUTOR — A senhora para que veio aqui?

REBUCATA — Para ver se V. Ex.^a dava remédio para as minhas três doenças.

DOUTOR — (*admirado*) Como sabe a senhora que são três as suas doenças!?

REBUCATA — Sei isso porque o afirmou a ti Virgínia Bicheira.

DOUTOR — Quem é essa mulher?

REBUCATA — Cruzes Anjo Bento... «Antão» não sabe!

É uma mulher de virtude senhor doutor...

DOUTOR — Sendo assim porque a não curou ela?

REBUCATA — Ó senhor doutor, eu não quero lá tornar porque ela uma vez defumou as minhas camisas com «ervas bentas» e só dizia sapo sapoilo p'rá qui, sapo sapoilo p'rá li...

DOUTOR — ...eu aqui não uso disso... se quer continuar com benzedeadas de porcarias, saia deste consultório...

REBUCATA — Ó senhor doutor, eu não quero lá tornar... o fumo daquelas ervas enojou-me a «stámega» e a fogueira pelou-me os presunhos e queimou a barra da melhor saia que tinha. Olhe que já era da avó da minha avó! (com muita admiração) Ó senhor doutor que rica saia eu tinha!...

DOUTOR — (aparte) Ainda hoje tem uma rica saia...

REBUCATA — Muito agradecida... pois, como ia dizendo, a tia Bicheira prantou-me aqui por trás das orelhas com umas bichas negras (aparte) catiba que coisa feia (cospe) e na barriga das pernas atou umas cataplasmas de linhaça... Ai senhor Doutor como a coisa pelava!

DOUTOR — E para que era isso!?

REBUCATA — Eu na maré, tinha um tressolho... mas para os tressolhos saírem, basta dizer assim... Tressolho mirolho, mira para aquele olho.

DOUTOR — (*rindo-se*) E era para isso?

REBUCATA — Não. O fumo das ervas, da rude e do absinto era para me livrar do mau olhado dessas feiticeiras que têm invejidade à gente...

DOUTOR — (*admirado*) Está bem, está bem. Isso então que diz, é uma das suas três doenças?

REBUCATA — É sim senhor.

DOUTOR — E as outras?

REBUCATA — A minha segunda doença é a Zipéla.

DOUTOR — (*admirado*) A Zipéla!? Que é isso?

REBUCATA — Eu sei lá, não deve ser coisa boa...

DOUTOR — Está bem. E a terceira?

REBUCATA — Ó senhor Doutor. A terceira é a piorzinha.

DOUTOR — Então que é?

REBUCATA — (*começa a chorar*) É uma «ursa»... eu tenho uma ursa na «stámega».

DOUTOR — O quê!? (*rindo*) como é que essa fera foi para aí?

REBUCATA — (*choramingando*) De dia não foi. E de noite durmo sempre com a boca fechada e com as mantas cobertas. Não sei como esse estardalhão entrou cá para dentro.

DOUTOR — Sim senhor... (*rindo*) Já sei qual é uma das suas doenças...

REBUCATA — Graças a Deus. Então já topou uma! Bem dizia o povo que o senhor Doutor era

muito entendido e não levava nada à gente... a gente «tamem» é pobrezinha.

DOUTOR — Mau mau. (*aparte*) Ainda mais esta. (*aponta uma cadeira*) sente-se ali.

REBUCATA — (*com receio*) Ó senhor Doutor, que vai fazer!?

DOUTOR — Ó mulher, se quer curar-se, sente-se ali.

REBUCATA — (*Senta-se*)

DOUTOR — Puxe a roupa para cima.

REBUCATA — (*assustada*) A saia «tamem»?

DOUTOR — (*aparte*) Valha-me Deus. (*à mulher*) É a primeira vez que a senhora procura um médico?

REBUCATA — É sim senhora, eu só ia à Tia Bicheira... e olhe que era muito entendida, até cortava com uma navalha da barba o ferrote às bichas dos rapazes, pelas costas! (*aparte*) e a mim nunca me puxava a roupa.

DOUTOR — Parvoíces... vá, puxe a blusa.

REBUCATA — (*desaperta-se um pouco, e puxa que puxa saindo umas enormes fraldas de camisa*).

DOUTOR — Chega... chega (*encosta o aparelho*).

REBUCATA — Ui que coisa fria senhor doutor.

DOUTOR — Quieta e calada.

REBUCATA — Ai que cócegas... não mexa mais.

DOUTOR — (*irritado*) Ou está quieta e calada ou mando-a já embora...

REBUCATA — (*faz gestos de cócegas*)

DOUTOR — Diga trinta e três.

REBUCATA — Trinta e três senhor doutor.

DOUTOR — Continue...

REBUCATA — Trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis...

DOUTOR — Deus me dê paciência. Ó senhora diga só trinta e três.

REBUCATA — (repetindo) Ó senhora diga só 33.

DOUTOR — (irritado) Irra que é parva! Diga só o número 33, 33, 33,...

REBUCATA — (com voz pausada) Trinta e três, trinta e três, trinta e três...

DOUTOR — (zangado) Chega, chega. Levante-se e vista-se.

REBUCATA — (apalermada) Viu a urso sr. doutor? (aparte) Ai que estardalhão se havia de meter comigo. (ao médico) O senhor doutor não pode amarrar essa malvada? (aparte) Ai que desgraçada eu sou! (ao médico) Agora esse bicho é capaz de escangalhar o meu rico corpinho... Porque a não amarrou?

DOUTOR — (que tem estado entretido) Como? Que diz?! A senhora é doida, ou faz-se.

REBUCATA — «Descurpe» senhor doutor. Mas a gente cá na aldeia quando quer amarrar um bichinho assim mau, fala-lhe muito mansinho e diz assim: anda cá amorzinho, dá-me a tua cabecinha... e o animalzinho vem! Mas se não vem e arrebita o rabo e foge, nós «antão» ficamos com o «nebroso» e gritamos com as mãos nas «rens» (diz alto) aí ó nova que vais perra...

DOUTOR — (*aparte e zangado*) Meu Deus, isto aqui será consultório de malucos? (*alto a Rebucata*) Ó mulher, vá-se embora.

REBUCATA — E que doença me encontrou?

DOUTOR — (*irritado*) Encontrei simplesmente uma.

REBUCATA — (*admirada*) Só uma?! E a Tia Bicheira teimava que eu tinha três. Olhe senhor doutor, ela que vá para a pata que a lamba a mais o que sabe. (*aparte*) Uma doença só, ainda vá. (*ao médico*) E então que é?

DOUTOR — Que há-de ser. Fraqueza, muita fraqueza no miolo, nesse testo...

REBUCATA — (*soindo*) Obrigada senhor doutor. Até já vou mais aleviadinha. (*sai*)

DOUTOR — (*só e passeando*) Sim senhor... posso-me gabar que tenho boa clientela! Para tudo é preciso sorte. Assim estou bem servido... Para que serve estudar-se muito, gastar-se rios de dinheiro pelas Universidades, se depois é isto que se vê!... (*ouve-se bater à porta*) Faz favor de entrar.

CENA VII

MUDO — (*entra com a cara muito triste*)

DOUTOR — Então que deseja?

MUDO — (*faz gestos que lhe doi a barriga...*)

DOUTOR — (*aparte*) Agora aparece-me um mudo! Como vou eu arranjar de o compreender? Valha-me Deus! (*ao mudo, colocando-lhe a mão sobre a barriga*) Doi-lhe a barriga?

MUDO — (afirma que sim com a cabeça e faz gesto de sentar-se)

DOUTOR — Quer sentar-se? (puxa uma cadeira)

MUDO — (desvia a cadeira e por gestos e gemidos quer fazer compreender que tem diarreia) Pum, pum.

DOUTOR — Ah... Já percebo. Tem os intestinos avariados.

MUDO — (faz mais gestos e gemidos a querer dizer que os intestinos estão muito avariados)

DOUTOR — (sorrindo) Está bem, está bem. Eu arranjo um remédio disso temperar. (passa uma receita) Não é mais nada?

MUDO — (tosse fraquinho)

DOUTOR — Tem tosse? Anda fraco do peito. Está bem. Eu receito-lhe um peitoral e isso afina. (passa a escrever na receita quando batem à porta) Faz favor de entrar.

CENA VIII

PATROCÍNIO — (entra muito hirto) O siô querer Patrocínio?

MUDO — (ao ver o preto chegar esconde-se com medo por trás do médico e dá berros fugindo depois)

CENA IX

DOUTOR — Fugiu!... Bagatela. Este cliente também pouco interessava, e eu de mímica nada percebo. Olha rapaz, já vejo que estás melhor. Tu hoje já me salvaste por duas vezes, de certos apuros. (dá-lhe di-

nheiro) Toma esta gorjeta e fica aqui um pouco que eu vou ali ao correio e já venho. Se vier alguém, dize-lhe que espere um pouquinho. (sai)

PATROCÍNIO — (só) Patrocínio ficar só (chega-se ao espelho e faz caretas) Preto também ser gente e saber curar branco... (raciocinando) Patrão sair... preto saber receitar... (faz gestos e conta pelos dedos) Dor na cabeça, deitar linhaço barrigo de pernas, (gesto) cara larga é tesorêlho... borbulhaço é serampêlo e... ser careca é falta de cabelo (salta) preto saber curar branco... preto saber curar branco. (batem à porta)

Quem bater porta que entrar, preto saber curar.

CENA X

RUFINO — (entra com a queixada atada) Eu quero tirar um dente. O senhor doutor aqui também sabe tirar dentes?

PATROCÍNIO — Doutor não estar, mas preto «tatem» saber arrancar...

RUFINO — Então se sabe, arranque-me este maldito que eu morro com dores...

PATROCÍNIO — (aponta uma cadeira) Senhor sentar no cadeira (Rufino senta-se e Preto vai buscar fora umas cordas com que ata as mãos de Rufino à cadeira) Siô estar quietinho que preto arranca depressa esse dentório (vai fora, e entra com um ferro, um martelo e umas grandes tenazes).

RUFINO — (assustado) Para que é isso, miserável?

PATROCÍNIO — (acalmado-o) Branco não ter medo. preto arrancar sem doer.

RUFINO — Vê lá, se me aleijas, estouro-te.

PATROCÍNIO — (deita álcool num prato, acende, e aquece as tenazes no fogo. Depois de alguns gestos aproxima-se do doente). Pronto... abrir essa bocarrana para caber este tenazório...

RUFINO — (abre muito a boca e depois diz) Eu só quero tirar um dente e essa estrobenga arranca-os todos juntos. Cuidado com a língua. (abre de novo a boca)

PATROCÍNIO — (gestos) Eu saber arrancar a língua...

CENA XI

DOUTOR — (entra) Que vejo meu Deus! Queias fazer, pedaço de catinga?

PATROCÍNIO — Arrancar dentório com tenazório a este brancório.

DOUTOR — (dando-lhe um pontapé) Ponha-se na rua seu assassínio.

PATROCÍNIO — (aparte) Que pena chegar tão depressa... (sai)

DOUTOR — (desata Rufino) Você seu parvalhão, saia também já. É preciso ser muito pacóvio para consentir que um preto lhe introduza uma tenaz na boca para extrair um dente. (aponta a porta) Saia.

RUFINO — E levo outra vez o dente!?

DOUTOR — Leve o diabo seu estúpido. (empurra-o para fora) (só e passeando) Pobre de mim... Tudo principia a correr mal, maldita hora que abri o consultório aqui... Ah!... Se isto assim continua, mudo o consultório para outro local... (batem à porta) Faz favor de abrir.

CENA XII

BRAZ — (*entra cambaleando*) Ó senhor doutor acuda-me pelas alminhas defuntas que eu estou perdido da cabeça e não me seguro nas pernas... Anda-me tudo à roda a fugir e perdi a minha casa...

DOUTOR — (*deitando as mãos à cabeça*) S. Cris-tóvão me acuda... (*aparte*) Agora aparece-me um borrachão...

BRAZ — Senhor doutor, quando aqui cheguei a distribuir as fornadas com a gerica da minha sogra (*aparte*) salvo seja, ainda me sentia bem. Depois fui matar o bicho á loja do Ti Zeca Brito, e aquela bagaceira virou-me o estômago...

DOUTOR — Sim sim. Eu estou a ver o estado em que se encontra! A bagaceira é a perdição de certos homens... incluindo moleiros.

BRAZ — Senhor Doutor, dê-me...

DOUTOR — Mais bagaceira?

BRAZ — Não senhor Doutor... Dê-me um remédio que me cure este peso da cabeça, senão morro.

DOUTOR — (*aparte*) Pouca perca...

BRAZ — (*Dando um vômito*) Ai senhor Doutor que me rebentam as tripas e... eu não posso procurar a burrinha da... minha sogra.

DOUTOR — (*irritado*) Ó homem ou lá o que é! Neste consultório não encontra calmantes para carras-panas dessa natureza. O melhor remédio tem-no em sua casa. É a cama, vá dormir...

BRAZ — (*insistindo*) Senhor Doutor, eu não sei da minha casa, eu vejo as casas todas a passar e decerto a

minha já passou... Para onde iria ela com a minha Fabiana e os meus ricos Fabianinhos!... (dá grande vômito) Ai raio que cheiro a feijões.

DOUTOR — (aparte) Que nojo meu Deus! Estou aqui estou a vomitar também...

BRAZ — (dá vômitos seguidos).

DOUTOR — (de longe) Saia lá para fora... saia lá para fora por essa porta.

BRAZ — (sai segurando a barriga).

DOUTOR — Ena pai, que cheiro a sarro aquele maldito deixou! E por pouco desarranja-me o meu organismo! Que nojo fazem estes borrachões!...

CENA XIII

POLÍCIA — (junto à porta) É aqui o consultório da clínica geral do Dr. Garrafeira?

DOUTOR — É sim. Que deseja?

POLÍCIA — Estão duas queixas na esquadra contra V. Ex.^a. É V. Ex.^a o médico não é?

DOUTOR — Sou.

POLÍCIA — Muito bem. Lamento muito mas tem que ter o incómodo de chegar ao posto.

DOUTOR — Se não se importa dizer-me, pode-se saber quais as queixas que levantaram contra mim?

POLÍCIA — Sim. pode. A primeira é dum tal senhor José das Porcas — lavrador abastado — a quem o senhor Doutor pintou a cara com pó preto fazendo dele um palhaço.

DOUTOR — Isso é mentira. Eu juro à face da lei que é mentirosa essa queixa contra mim. E qual é a segunda?

POLÍCIA — É dum tal Rufino Sarrafo de Pinheiro, que se queixa de o terem amarrado com umas cordas para lhes tirarem os dentes com umas tenazes de ferreiro.

DOUTOR — Pois esse Sarrafo de Pinheiro, que fraco sarrafo é, também falseou a acusação! Nem um, nem outro caso se passou comigo.

POLÍCIA — Não!? Então há outro médico cá dentro?

DOUTOR — (*exaltado*) Não é médico é um burro.

POLÍCIA — Senhor Doutor, não queira brincar com a autoridade. Eu fui amável com V. Ex.^a, e V. Ex.^a tem obrigação moral de me respeitar.

DOUTOR — Peço perdão. Mas eu tenho um criado preto que na minha ausência abusa do meu consultório e do meu nome.

POLÍCIA — Onde está esse sujeito?

DOUTOR — (*chamando*) Patrocínio ó... Patrocínio...

CENA XIV

PATROCÍNIO — (*entra*) O siô chamar?

DOUTOR — (*indica o Polícia*) Ouve esse senhor...

PATROCÍNIO — (*reparando no Polícia*) Ai o filha da mãe...

POLÍCIA — Pouca treta. Acompanhe-me à esquadra e verá lá quem é o filho da mãe.

PATROCÍNIO — (*foge*) Preto ir a correr.

POLÍCIA — (seguindo-o) Não fuja senão mato-o (sai).

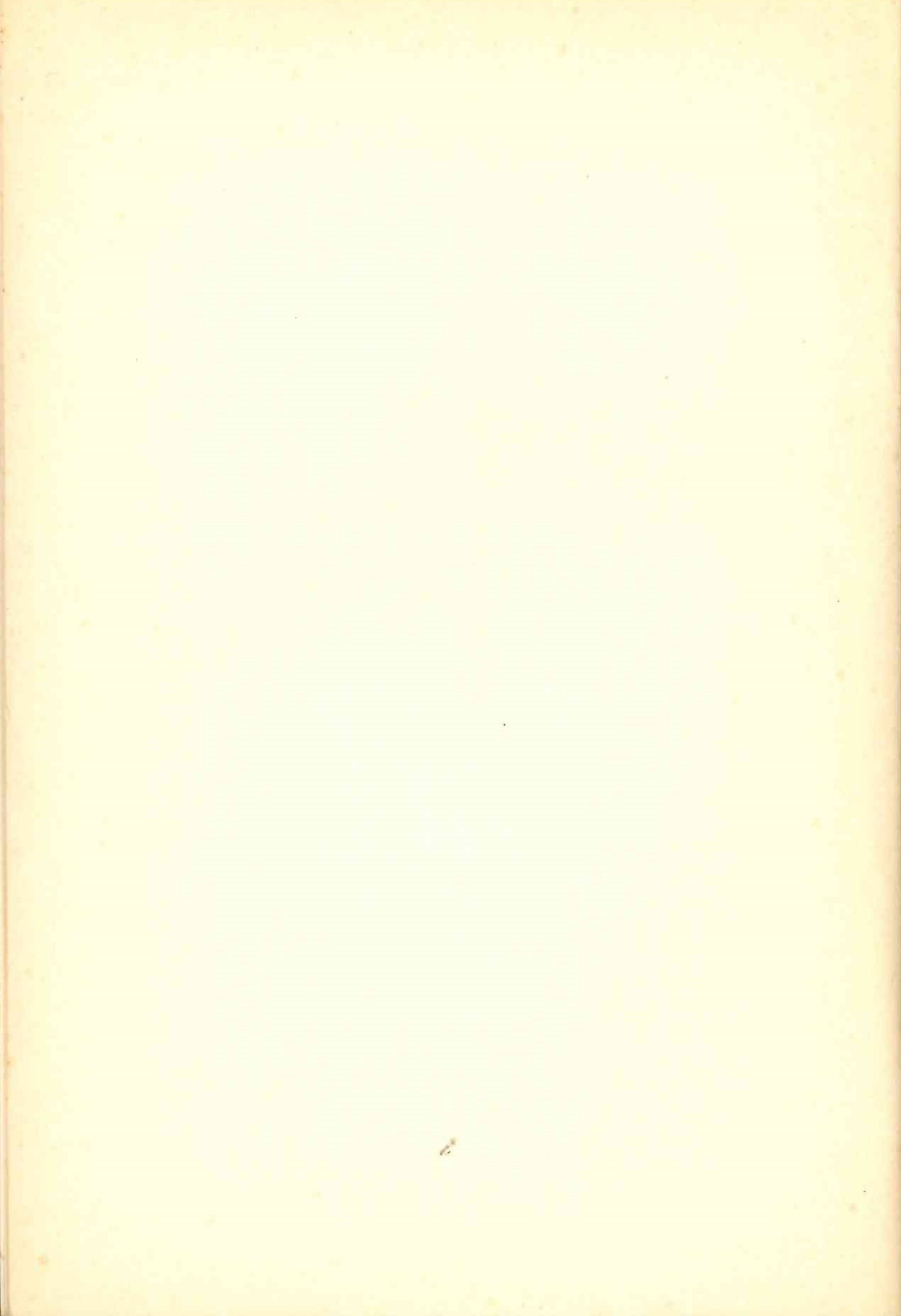
DOUTOR — (só) Que embrulhada... Há só um remédio aqui a dar... Vou encerrar o consultório e abrir noutro local. (à assistência) Peço perdão a V. Ex.^{as} de tudo que se passou. E prometo escrever a todos, a comunicar o local exacto do meu novo consultório.

PATROCÍNIO — (entra a correr) E eu prometer ajudar branco a morrer.

F I M

Forjães—Esposende, Março de 1960

Didimo Victor Hugo





biblioteca
municipal
barcelos



60052

Um médico à rasca

Preço: